

DESIGUALDADE DE GÊNERO OS DESAFIOS ENCONTRADOS PELAS MULHERES NA SOCIEDADE¹

Déborah Karen Mansilha Guebara²
Prof^a Dr^a Rosana Lia Ravache³

RESUMO

O presente artigo visa argumentar sobre a desigualdade de gênero no Brasil e os desafios encontrados pelas mulheres em seu dia a dia. Desde o começo de sua vida, o ser humano é induzido ao preconceito por influência de familiares da sociedade com a qual convive e aprende que o homem é superior e precisa trabalhar para sustentar sua família, enquanto a mulher irá cuidar da casa e dos filhos. Outra pauta do artigo é sobre a violência física ou psicológica, que as mulheres sofrem diariamente em relacionamentos amorosos ou familiares, mesmo que leis tenham sido criadas para protegê-las e encorajá-las. Embora o nível de escolaridade entre as mulheres seja mais alto, elas também sofrem com a desigualdade no ambiente de trabalho, tanto para conseguir emprego, como para se manterem empregadas após uma gestação. Portanto, o artigo pretende mostrar como a desigualdade de gênero ainda é alarmante e, ao mesmo tempo, visa encorajar as mulheres a se posicionarem na sociedade, lutando pelos seus direitos não respeitados.

Palavras-chave: Desigualdade de gênero; mulher; feminino; preconceituoso; violência; direitos.

ABSTRACT

This article aims to argue about gender inequality in Brazil and the challenges faced by women in their daily lives. Since the beginning of his life, the human being has been induced to prejudice by the influence of family members of the society with which he lives and learns that the man is superior and needs to work to support his family, while the woman will take care of the house and children. Another agenda in the article is about physical or psychological violence, which women experience daily in loving or family relationships, even though laws have been created to protect and encourage them. Although the level of education among women is higher, they also suffer from inequality in the work environment, both to get a job and to remain employed after a pregnancy. Therefore, the article aims to show how gender inequality is still alarming and, at the same time, aims to encourage women to position themselves in society, fighting for their not respected rights.

Keywords: Gender inequality; woman; feminine; prejudiced; violence; rights.

INTRODUÇÃO

1 Artigo apresentado ao Univag – Centro Universitário, como parte dos requisitos da disciplina de Investigação Científica em 2019/1

2 Aluna do curso de Arquitetura e Urbanismo do Univag Centro Universitário – E-mail dkmguebara@gmail.com

3 Professora Orientadora Doutora em Geografia Urbana – Docente do Univag Centro Universitário – E-mail rosanaravache@gmail.com

De acordo com a Declaração Universal dos Direitos Humanos, de 1948, homens e mulheres são iguais em direitos. Entretanto, a desigualdade de gênero no Brasil é uma realidade perigosa. Com o passar dos anos, as mulheres conseguiram alguns direitos como: votar, trabalhar fora de casa, concorrer a cargos públicos ou eletivos e até mesmo governar um país, embora ainda exista uma grande diferença entre os seus direitos na teoria e o cumprimento efetivo das leis na prática.

Mulheres brasileiras possuem menor remuneração, sofrem mais assédio, são mais sujeitas ao desemprego e estão sub representadas na política. O feminicídio é tão frequente que o Brasil é o quinto país com maior índice de assassinatos de pessoas pelo fato de serem mulheres, segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS).

Os padrões de comportamento estabelecidos para homens e mulheres são distintos e ocasionam a construção de um código de conduta. Aos homens é atribuído um papel de maior poder, paternalista, onde eles, supostamente, sustentariam e protegeriam suas famílias, colocando a mulher em um papel de submissão. Com isso, a educação dos gêneros desde a infância é dirigida de forma diferente.

1. VIOLÊNCIA E ASSÉDIO

A violência contra o gênero feminino não é um fato recente. Desde a antiguidade, as mulheres não são vistas como iguais pela sociedade, o que, as leva, muitas vezes, a serem vítimas de assédio e agressões. Tal violência pode ser realizada, física ou psicologicamente, de diversas maneiras, podendo chegar à expressão máxima da violência contra a mulher: o feminicídio.

A falta de punição aos agressores, o silêncio das vítimas, a suposta inferioridade das mulheres e, principalmente, a transformação da vítima em culpada, são alguns dos fatores que contribuem para a prática da violência contra a mulher. Embora esse ato de violência seja um desrespeito aos direitos humanos, ocorre com frequência. Conforme dados contabilizados pela plataforma Monitor da Violência do portal G1, que recebeu os números das Secretarias de Segurança Pública dos estados, o número de mulheres assassinadas por crime de gênero em 2019 aumentou 7,3% em relação a 2018, o que totaliza em 1314 casos de feminicídio no Brasil neste ano.

O assédio, verbal ou físico, também é uma constante no dia a dia das mulheres, acontecendo com frequência em todas as ocasiões, tanto em locais públicos como privados.

De acordo com o Datafolha, nas ruas, uma em cada três brasileiras adultas (29%) declara já ter sofrido assédio sexual, sendo que 25% que sofreram assédio verbal e 3%, físico, além das que sofreram ambos. A mulher não está protegida nem para andar livremente sem receber um assvio ou uma “piadinha” sobre seu corpo.

A Lei nº 11.340/2006, conhecida como Lei Maria da Penha, representa um marco na proteção aos direitos das mulheres, pois tem como premissa coibir e prevenir todas as formas de violência doméstica e familiar. Do mesmo modo, em março de 2015, no Brasil, o feminicídio foi tipificado como conduta criminosa, através da Lei n. 13.104/2015.

Embora a legislação tenha avançado nas últimas décadas, as mulheres ainda precisam de mais e melhores políticas públicas que realmente as protejam na prática.

2. DESIGUALDADE NO MERCADO DE TRABALHO

O movimento social conhecido como feminismo tem como objetivo a luta contra a violência de gênero e pela igualdade das mulheres na sociedade, tendo com uma das principais pautas a diferença ainda estabelecida no mercado de trabalho.

Apesar da população feminina alcançar maiores índices e escolaridade, na concorrência por uma vaga no mercado de trabalho as mulheres ainda são prejudicadas. Conforme o estudo do IBGE, as mulheres receberam salário médio de R\$ 2.050 por mês no ano passado, o correspondente a 79,5% do rendimento do trabalho dos homens (R\$ 2.579). (IBGE, 2019)

O desemprego gerado através da crise tende a afetar mais as mulheres, em especial as negras. Com base em dados do IBGE, o desemprego cresceu mais entre as mulheres negras durante a crise, indo de 9,2% em 2014 para 16,6% em 2019. Entre as mulheres brancas, a taxa de desemprego subiu de 6,2% em 2014 para 11% em 2019.

Sueli Carneiro, militante feminista e anti-racista, coordenadora executiva do Geledés Instituto da Mulher Negra e membro do conselho da Fundação Tide Setubal afirma que:

As conquistas obtidas coletivamente pelo feminismo acabam privilegiando as mulheres brancas em função da persistência do racismo sobre as mulheres negras. Por outro lado, as conquistas obtidas pelo movimento negro terminam por privilegiar homens negros em função do sexismo.

A chegada dos filhos é considerada por especialistas no país e no mundo como um dos principais elementos na discriminação contra as mulheres no mercado de trabalho. Após

o fim da licença maternidade, a mulher não costuma receber apoio por parte da empresa onde trabalha e como no Brasil as creches públicas não suportam toda a demanda, algumas mães não veem outra alternativa a não ser deixar e trabalhar para conseguir cuidar devidamente de seus filhos. Nesse contexto, algumas empresas optam por demitir as funcionárias num período entre 6 meses e 2 anos após suas gestações.

3. MACHISMO COMO CULTURA

A fundamentação do machismo está na ideia de que o homem é superior a mulher, porque possui mais poder. Esse sistema preconceituoso está inserido principalmente nos ambientes familiares, onde são construídos os conceitos críticos, normas e regras da vida social. Desde a infância, as crianças já estão sujeitas ao preconceito em relação ao gênero, sendo enquadradas nos padrões “menino veste azul e menina veste rosa”, como afirmou a ministra da Mulher, Família e Direitos Humanos, Damares Alves.

O fato da maioria dos brasileiros concordar que o comportamento da mulher é a principal motivação do estupro, comprova que a cultura machista está alojada nos homens e mulheres da sociedade brasileira. Segundo a socióloga Nina Madsen, integrante do Colegiado de Gestão do Centro Feminista de Estudos e Assessoria (Cfemea). A pesquisa do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) mostrou que 58,5% dos entrevistados concordaram totalmente ou parcialmente com a frase "Se as mulheres soubessem como se comportar, haveria menos estupros".

E diz ainda que,

Nossa sociedade é violenta contra as populações marginalizadas e as mulheres compõem essa população. A culpa da violência sexual nunca é das mulheres. Temos que educar os meninos a não estuprar. Hoje eles aprendem que uma menina que se veste de uma determinada forma está provocando e que eles têm uma pretensa autorização para fazer uso daquele corpo que está sendo exposto. Temos que interferir nesse processo-

Para a socióloga, os parâmetros educacionais e culturais precisam ser modificados. “É preciso atuar com muita força e continuidade na mudança cultural e a educação formal tem que incorporar os conteúdos que dizem respeito aos direitos das mulheres e à igualdade de gênero”, acrescentou.

Nina ressalta que o novo Plano Nacional de Educação (PNE), que está tramitando no Congresso, prevê uma educação voltada para a promoção da igualdade de gênero. No entanto, diz a socióloga, esse princípio está sendo questionado por grupos conservadores, sobretudo pela bancada evangélica, que quer retirá-lo do texto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A existência de desigualdades entre homens e mulheres é reconhecida desde quando se passou a aceitar as diferenças como naturais e biológicas, tornando a mulher inferior, submissa e dependente aos olhos da sociedade. Políticas públicas de empoderamento feminino são vistas como medidas necessárias para limitar cada vez mais a exploração do gênero considerado mais fraco pelo preconceito.

Desse modo, o Estado deve fazer seu papel não apenas legislando, de modo a tentar coibir discriminações e abusos contra a mulher, sob ameaças de sanção mas deve promover, efetivamente, a conscientização e maximizar a igualdade entre os gêneros, por meio de políticas públicas de ações afirmativas. Cabe ao Estado a garantia dos meios necessários à realização da mulher como cidadã e agente de desenvolvimento.

Além disso, deve promover ações capazes de enaltecer a dignidade, oportunizando à mulher a participação ativa nas escolhas e na condução dos caminhos da cidadania com inclusão na sociedade.

Para que mais mulheres entrem na política, o que também pode ser uma maneira de amenizar a desigualdade, é preciso que ocorra a ampliação das oportunidades para elas, seja pelo incentivo ao acesso às universidades, com programas para que mais mulheres negras de menor poder aquisitivo concluam o ensino superior, seja por uma maior valorização no mercado de trabalho, seja para ampliar as oportunidades de chefia e liderança, para que o bom funcionamento das instituições democráticas lhes garanta terminar os mandatos com segurança.

Incentivos na educação para que, desde o começo da vida acadêmica, todos sejam conscientizados sobre a igualdade de gênero, ensinando os homens a respeitarem as mulheres e vice-versa, é extremamente necessário. Nesse contexto, encorajaria as mulheres a procurarem os seus direitos e a não aceitarem o preconceito que sofrem por serem do gênero feminino.

REFERÊNCIAS

<https://fundacaotidesetubal.org.br/noticias/3839/desigualdade-de-genero-no-brasil-uma-realidade-perigosa> Acessado: 30/05/19 às 18:35

<https://datafolha.folha.uol.com.br/opiniaopublica/2018/01/1949701-42-das-mulheres-ja-sofreram-assedio-sexual.shtml> Acessado: 30/05/19 às 18:47

<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2018/08/brasil-registra-606-casos-de-violencia-domestica-e-164-estupros-por-dia.shtml> Acessado: 30/05 às 19:14

<http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2014-03/pesquisa-do-ipea-comprova-que-cultura-machista-esta-impregnada-na-sociedade> Acessado: 30/05 às 19:05